

## **A CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA COMO ESTRATÉGIA DE COMPREENSÃO DO TECIDO URBANO: O CASO DA REGIÃO SUDESTE DE GOIÂNIA**

**Lorena Cavalcante Brito<sup>1</sup> (lorena@lorenacavalcante.com)**

Goiânia, capital do Estado de Goiás, é uma das poucas cidades brasileiras previamente planejadas, inicialmente por Atílio Corrêa Lima em 1933, em seguida por Armando Augusto de Godói, que fez as primeiras alterações no plano original. Apresentou assim uma sobreposição de teorias urbanísticas (paradigmas), um inusitado encontro entre as correntes urbanísticas francesa e saxônica. No mesmo plano somou-se o desenho proposto por Atílio Corrêa Lima, inspirado em *Versalhes*, *Karlshure* e *Washington* a outro que obedecia aos princípios das cidades-jardim inglesas e de experiências americanas, tais como *Letchworth* e *Radburn*, contribuições dadas por Armando Augusto de Godói.

Atualmente Goiânia é uma cidade de 80 anos, alçada à condição de metrópole (Lei Complementar n°27, 1999), contando com uma população de 1.301.892 habitantes, contabilizados pelo censo 2010 do IBGE e uma região metropolitana que abrange 20 municípios (Lei Complementar n°78 de 25 de março de 2010). Ainda de acordo com o censo 2010, a RMG abriga um contingente populacional total de 2.206.134 residentes, sendo que 99,6% moram na zona urbana e apenas 0,4% estão na zona rural, ou seja, menos de 4.925 pessoas.

Concomitantemente ao surgimento de loteamentos periféricos, estritamente residenciais e de baixa densidade, se deu substituição do seu casario original por edifícios de apartamento e o progressivo deslocamento da elite, moradora do centro histórico, para novos bairros. Estava aberto assim o caminho para a verticalização inicial do Centro, seguida pela dos setores Oeste, Marista e Bueno. (OLIVEIRA, PEIXOTO & MELLO, 2008).

Para a compreensão deste cenário, é forçoso retornar ao fim da década de 1940, pois até 1947, a cidade preserva em grande parte o seu traçado original, com a mancha urbana se restringindo ao Centro e Campinas, compreendendo os setores Sul, Norte Ferroviário, Bairro Popular e a região dos edifícios cívicos, extrapolando desse limite apenas os assentamentos dos operários que construíram a cidade, regularizados posteriormente tais como a Vila Nova, Botafogo e Nova Vila. De 1950 em diante, com o parcelamento do solo passando à iniciativa privada, para novos loteamentos passaram a ser exigidas somente a sua locação e a aberturas das vias, o que contrariou as restrições inovadoras dos planejadores pioneiros da cidade (RIBEIRO, 2004). É nesse contexto que são aprovados os primeiros loteamentos da Região Sudeste, tais como a Vila Alto da Glória, Jardim Mariliza, Jardim da Luz, entre outros. Assim a cada nova década, novos bairros

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista. Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação Projeto e Cidade. Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás.

surgiram, em geral, articulados ao centro histórico da cidade por rótulas, repetindo o arranjo barroco do núcleo pioneiro.

A inauguração do primeiro shopping center em 1981, na Região Sudeste da cidade, torna a área emblemática em dois sentidos: pela perda do apelo comercial da área central da cidade (que era tradicionalmente muito forte) e pelo início do espraiamento do tecido urbano (*urban sprawl*), processo este reforçado pelo aparecimento e afirmação das grandes superfícies de abastecimento em Goiânia (representada pelos hipermercados), pelo surgimento de grandes equipamentos, tais como o estádio Serra Dourada e o Autódromo Internacional de Goiânia, e ainda pelos conjuntos habitacionais, tais como o Parque das Laranjeiras e o Parque Atheneu (PEIXOTO, 2007).

A partir da metade da década de 1990 o processo de suburbanização é reafirmado pela proliferação dos condomínios horizontais fechados no tecido urbano, que forçam a sua extensão horizontal. Apesar de em alguns bairros, como o Jardim América, já se verificar a existência de pequenos condomínios, além do próprio Privê Atlântico, os complexos maiores, com todas as características próprias dos condomínios mais atuais, só começaram de fato a serem divulgados e implantados de 1994 para cá. A cidade se encontra, mais do nunca, submetida à ação dos empreendedores (BERNARDES & SOARES, 2007).

Neste contexto, a instalação do Centro Cultural Oscar Niemeyer (2006) veio a reafirmar a consequência dessas ações ao longo dos anos – a dispersão urbana que se deu ao longo do processo de ocupação do Jardim Goiás e conseqüentemente na Região Sudeste (TREVISAN & PANTALEÃO, 2011). Se a intenção dos empreendedores era a de se inspirar nos subúrbios norte-americanos aos moldes do *New Urbanism*, em um processo que buscava se contrapor ao *sprawl*, o resultado se provou exatamente o contrário. Ainda, em Goiânia, os condomínios horizontais fechados induziram o crescimento da cidade em duas direções: Sudoeste e Sudeste.

Na tentativa de organização do espaço urbano, a Prefeitura de Goiânia através do Plano Diretor de 2007 (SEPLAM, 2007) preconizou o modelo de cidade compacta, procurando reafirmar sua opção pela compacidade. O zoneamento foi extinto e a hierarquização do tecido passou a ser em função dos corredores estruturais, pretendendo ligar, entre si e com o Centro, as regiões periféricas da capital. Acreditava-se assim que o adensamento dos Eixos Exclusivos com uma mescla de habitações e comércio de uso misto seria a forma de viabilizar a cidade para o futuro.

Apesar do plano e das tentativas que o seguiram, a cidade compacta de outrora perdeu-se no horizonte. A realidade atual é a de uma cidade polinucleada, espraiada, sem limites urbanos nítidos. Neste contexto, pretende-se abordar o estudo de caso proposto: o da Região Sudeste da cidade, área de planejamento instituída pelo PDIG 2000 (SEPLAM,

1992) como distrito 58 – Jardim Vitória e atualmente como Região Sudeste pela atual regionalização proposta pela Prefeitura de Goiânia. Além de ser um dos vetores de expansão da cidade é atualmente a área preferencial para a instalação dos condomínios horizontais fechados, conforme iremos comprovar.

Por se tratar de região extensa e com características morfológicas diversas, a caracterização da Região Sudeste será apoiada na metodologia adotada por FERRARA (1999), identificando assim cinco tipologias de ocupação consideradas típicas, conforme as características da região: os loteamentos residenciais, os conjuntos habitacionais, as áreas ocupadas originalmente por posses, os condomínios horizontais fechados e as áreas institucionais (sendo que esta última não será analisada no presente artigo), defendendo assim a hipótese de que cada tipologia corresponde a um conjunto de bairros com características homogêneas e, por conseguinte a um período de ocupação específico da região. Nesse sentido, também é uma região que se apresenta heterogênea em relação a outras regiões da cidade, que tiveram sua ocupação em um determinado período de tempo, com predominância de um único tipo de ocupação.

Ao tomar como ponto de partida a forma da cidade, este tipo de análise não deixa de reconhecer a contribuição de outros campos disciplinares, nem a complexidade das relações sócio-econômicas que nelas se manifesta desigualmente. Em oposição às análises quantitativas, a metodologia propõe o estudo de dados qualitativos como o parcelamento do solo e as constantes tipológicas na configuração dos tecidos urbanos.

Para entender a relação entre tipologia arquitetônica e morfologia urbana em suas implicações para a análise da estrutura das cidades ou mesmo como metodologia de projeto, é necessário definir o conceito de tipo e suas acepções ao longo do tempo. Um percurso histórico demonstra que não existe uma única definição de tipologia construtiva, ao contrário, tal conceito é redefinido sempre em função das investigações que se pretende realizar: o tipo é, portanto um instrumento e não uma categoria (PEREIRA, 2012).

O presente artigo pretende, portanto, através da identificação das tipologias de ocupação, compreender o tecido urbano da Região Sudeste de Goiânia - um dos vetores de expansão da cidade, e que mais se assemelha a uma colcha de retalhos – desde o início da sua ocupação na década de 1950 até os dias atuais, através da sua morfologia, procurando assim classificar os diferentes tipos de ocupação encontrados, o que pode contribuir para enriquecer o entendimento da cidade contemporânea, suas espacialidades e territorialidades.

Estrutura-se em: “Tipologia Arquitetônica e Morfologia Urbana”, texto introdutório dedicado a uma breve revisão teórica sobre as origens do tipo e da tipologia na arquitetura e a sua correlação com a morfologia, “A Expansão Urbana em Goiânia e o caso da Região Sudeste”, título dedicado a contextualizar o processo de expansão urbana de Goiânia com a

constituição da Região Sudeste, “Compreendendo a Região Sudeste – Tipologias de Ocupação”, destinado a classificação e análise propriamente dita das tipologias, consequentemente dos tecidos encontrados.

## REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Genilda D’Arc; SOARES JÚNIOR, Ademar Azevedo (2007). “*Condomínios horizontais fechados: reflexão sobre a configuração do espaço intrametropolitano de Goiânia*”. Revista Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 209-225.
- FERRARA, Lucrecia D’Aléssio. *Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. EdUSP, 1993.
- OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PEIXOTO, Elane Ribeiro; MELLO, Márcia Metran de (2008). “*Cidade e memória: recortes possíveis*”. X SHCU 2008, Recife – PE.
- PEIXOTO, Elane Ribeiro; FERRANTE, Isabella Paiva Gomes, AMARAL, Gustavo Garcia do; TAVAREZ, Tatiana Menezes; FREITAS, Juliana Gomes de (2007). “*Goiânia, cidade genérica - estudo dos shopping centers*”. XII Encontro Nacional da ANPUR, Maio de 2007, Belém do Pará – PA.
- PEREIRA, Renata Baesso (2012). *Tipologia arquitetônica e morfologia urbana. Uma abordagem histórica de conceitos e métodos*. Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 146.04, Vitruvius, jul. 2012.
- Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia – PDIG 2000. SEPLAM, Goiânia, 1992.
- Plano Diretor do Município de Goiânia. SEPLAM, Goiânia, 2007.
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Ed. UCG, 2004.
- TREVISAN, Ricardo; PANTALEÃO, Sandra Catharinne (2011). *A cidade planejada e a cidade construída: entre paradigmas modernos e híbridos contemporâneos*. XIV Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro – RJ.